

BOLETIM ***PRESENÇA***

ANO II, nº 06, 1995



UNIR

O SAGRADO E O PROFANO

ALBERTO LINS CALDAS

Resumo

A Natureza é a grande criação do Sagrado, o grande outro, o corpo inorgânico, o exterior, aquilo que nasce da vivência, da sociabilização e educação dos sentidos. É a cosmicização do Nada, do anterior, do antes da singularidade e do social tipicamente humano. A consciência nasce como antítese entre o íntimo, que é o Sagrado, e o inorgânico, o instintivo, o desarticulado, exterioridade incompreensível. O Sagrado é a antítese entre o Caos, o animal e o mineral, ao mesmo tempo em que os cria como oposição e base do humano.

Palavras-Chave: Sagrado, Sociabilização, Caos e Humano.

Abstract

The Nature is the great creation of the Sacred, the big other, the inorganic body, the exterior, that that is born of the existence, of the sociabilização and education of the senses. It is the cosmicização of the Anything, of the previous, of the before the singularity and of the social typically human. The conscience is born as antithesis among the intimate, that is the Sacred, and the inorganic, the instinctive, the disjointed, incomprehensible exterioridade. The Sacred is the antithesis among the Chaos, the animal and the mineral, at the same time in that creates them as opposition and the human's base

Words-Key: Sacred, Sociabilização, Chaos and Human

O Sagrado é ato fundante. Recorte demiúrgico no caos. Instauração de Cosmo e Natureza. É através dele que o homem impõe-se ao indefinido, ao instintivo. O Sagrado é a práxis radical que instaura o ser do homem e de todo o universo. Antes há somente algo sem antítese, depois o humano. A instauração do significado e do sentido, suas criações.

O Sagrado que é *mysterium tremendum et fascinans*, veneração e pavor que torna o homem "cinza e pó", numinosa experiência, é o Sagrado já estabelecido como vivência religiosa, normatização do conhecido e do desconhecido, modo e visão, delineamento do tipicamente cultural.

É a descoberta inicial do centro (ou do homem, mesmo sem o saber, como centro), onde se funda ontologicamente o Mundo, onde o homem sente-se igual a si mesmo, diferente do informe, do estranho, ponto fixo onde o humano descansa, cria e trabalha.

Ação impura de humanidade, onde tudo é novo, molhado de sangue e água, espanto e vida. Tudo em volta do homem ainda é Sagrado, mas nesse momento o Sagrado é o muito próximo, é ação humana viva de criação por puro exercício diferenciado de vida.

O Sagrado faz nascer o sentido e a razão no momento em que exclui o informe, o inumano, o animal, o desarticulado. A razão nasce antes de tudo como sentimento e prática da diferença, da estranha e única identidade humana.

A Natureza é a grande criação do Sagrado, o grande outro, o corpo inorgânico, o exterior, aquilo que nasce da vivência, da sociabilização e educação dos sentidos. É a cosmicização do Nada, do anterior, do antes da singularidade e do social tipicamente humano.

O Sagrado é o momento do sentimento de diferença, de alheio ao Mundo, ao berço, é o momento quando o homem reconhece seu rosto e sua vida como diferentes, e como diferente do seu rosto a Natureza.

A consciência nasce como antítese entre o íntimo, que é o Sagrado, e o inorgânico, o instintivo, o desarticulado, exterioridade incompreensível. O Sagrado é a antítese entre o Caos, o animal e o mineral, ao mesmo tempo em que os cria como oposição e base do humano.

Mas a Natureza não nasce inteira, como Cosmo, como visão integral do Mundo e totalidade e sim como Hierofania de partes, de elementos, de vivências imediatas.

O vivido cria a partir dele outros sistemas e concepções. A Natureza e o Espaço nascem do Lugar, da perspectiva cotidiana das relações sociais, da social disposição de indivíduos e coisas, da satisfação das necessidades tornada conhecimento, da vida inteira em comunidade. O estranho nasce do íntimo, tornando-se mesmo uma inflexão da intimidade, condição da sua existência. A Natureza é a extensão viva da sociabilização, o imediato e suas ramificações. O Sagrado, antes de se tornar medo e norma intocável, era pura intimidade, e a Natureza, vivência que aos poucos se estruturou como exterioridade.

Ao sentir-se diferente, ao viver e desenvolver a diferença, ao tornar a práxis a criadora do visível e do invisível, centralizador simbólico e gerador de força, o homem cria-se e cria o Mundo como expressão de si mesmo. Essa é a visão sacralizadora, centrífuga, social. O sagrado é, no fundo, a sociedade projetada como ordenadora, criadora de Cosmo e sentido.

A Natureza foi, por cada sociedade, feita à imagem e semelhança do homem. Mas essa semelhança torna-se alheia à sua origem. Tanto a natureza quanto a sociedade "esquecem" seus fundamentos, principalmente porque a Natureza não nasce de uma ação da consciência, mas da práxis impessoal que cria a sociedade.

O Sagrado, "descolado" da ação demiúrgica do homem, torna-se passível de ser raptado, tornado "religiosidade", em vez de maneira de conceber, perceber e criar.

Em dialética oposição ao Sagrado, o Profano apresenta-se como Caos, o distante, a Natureza não domada, a extensão estranha do Sagrado, aquilo que o ameaça e pode destruir, as forças demoníacas do inumano, que quase sempre, por medo foi anexado ao próprio Sagrado como outra face de si mesmo.

Mas, nesse momento histórico, o Profano não nasce antes do Sagrado, nem é imediatamente dialetizado. O Profano é o estranhamento posterior, é o sentimento do perigo e do retorno ao inumano, ao Caos (que não era o Profano,

mas o nada, o instinto, o animal). O Profano nasce somente depois do humano, da identidade do ser e do lugar, depois do nascimento da Natureza.

O Profano que será a outra face do Sagrado, é uma criação do próprio Sagrado, seu equilíbrio, sua garantia, seu medo. Será através do Profano que o Sagrado conquistará sua moldura perfeita, não mais o Caos, que voltará somente como componente do Sagrado e não como condição de fuga, base, origem e medo.

Com o Profano como antítese, pela primeira vez estabelece-se a personalidade humana, sua singularidade, seu modo único de existir. Se com o Sagrado conquistava a criação, Natureza e Cosmo, a típica vida humana, com o Profano estabelecia os limites internos e externos da comunidade e de si mesmo, ganhando uma interioridade contraditória inconciliável como existência e sentido, que caracterizará o homem e sua sociedade.

Depois da "origem" tanto o Sagrado quanto o Profano tornam-se "exterioridades internas" da comunidade, a meio passo de uma institucionalização que só ocorrerá definitivamente nas sociedades de classe. Não mais gênese, mas mito e magia. O tipo ontológico, fundante de Sagrado, é substituído por um novo tipo de Profano e, ao mesmo tempo, por um novo Sagrado, que se tornam posse de uma classe, instituição, mas instituição fundamental para as condições subjetivas da produção.

No capitalismo a Natureza, desacralizada, tornada objeto, dado e pura exterioridade, já não aparece como a expressão da sociedade, mas como sua presa.

A Natureza, passando a ser objeto, torna-se espelho de um tipo de sociedade essencialmente mercantil e industrial. A Natureza, que nasceu como Sagrado, "morre" enquanto objeto, não sendo mais nem mesmo Profana. A Natureza, agora como falso Cosmo, transforma-se inteira em Caos e simulacro. Sua nova organicidade é mecânica, cibernética, essencialmente manipulável.

Sem esta dessacralização cósmica, o homem e a sociedade não mais como demiurgos do universo mas realidades objetivas, perderia o capitalismo um dos seus pilares ideológicos. Todas as suas ideologias são "realistas",

partem da científica certeza do Mundo como exterioridade, não como criação viva da sociedade.

No capitalismo perdeu-se a Natureza como criação porque perdemos ao mesmo tempo a singularidade e a comunidade como expressões do homem. Tudo tornou-se inumano. A grande criação transformou-se em "matéria prima", em objeto, em puro dado exterior, condição essencial para a posse sem medida, a rapina descompromissada, a mercantilização da mais ínfima coisa até o universo inteiro. O homem metamorfoseou-se em trabalhador, em força de trabalho, em consumidor, em formas periféricas de humanidade e animalidade.

O Profano industrial devora e apaga os passos ontológicos do Sagrado, impondo-se como a única existência, como primeiro existente, perdendo origem e significado. Essa destruição do primeiro tipo de Sagrado representa a derrota do indivíduo diante da história, a derrota de qualquer revolução diante da liberal democracia, diante da kafkiana lei, a derrota da classe trabalhadora diante da esfinge do capitalismo e, ao mesmo tempo, sua inclusão necessária na sociedade que lhe parecia antagônica.

Na verdade já não há o Profano, que era criado pelo Sagrado, mas o próprio Caos. A Natureza capitalista revive e resgata a situação anterior ao Sagrado ontológico. Desaparece tanto o Sagrado quanto o Profano. Já não há centro, nem certeza. Só relatividades passam cientificamente a fazer parte da própria "Estrutura da Matéria", da substância do Cosmo. O universo se fragmenta em infinitas interpretações, vivências, espaços. O amorfo é a única forma. O passageiro, a única permanência. A angustia, o único sentimento. A clonização, a única "individualidade".

O Caos é a cabeça e a cauda do Oroboros da história. É o antes e o agora capitalista. É o animal e o "trabalhador" coisificado (com ou sem consciência). A transparente Natureza, imagem fixa de mobilidade teórica, eternidade natural da eternidade do capitalismo, é na verdade o Caos. Mas um Caos profundamente mais perigoso: não é somente o informe, o desconhecido, o múltiplo, mas realidade coisificada, homens fetichizados. O Caos não é somente a objetificação da Natureza, mas a animalidade do homem, aquilo que com o Sagrado já havia sido superado.

A Ciência é a união entre um tipo de "conhecimento artesanal", próprio do *Homo faber*, com um conhecimento técnico-filosófico integrado com o mundo "venalizador", tornando-se totalitário com o processo industrial e fundamento da própria "Visão do Mundo" capitalista.

Sua condição básica foi a rapina de classe; o descolamento entre o Sagrado e o Profano, entre o poder temporal e o espiritual; entre a Natureza Criada e a Natureza Criadora; entre o demiúrgico Sagrado (essência humana por excelência) e um tipo mercantil de Profano, logo, de um universo e de uma sociedade autônomas, seja de um deus, seja do homem. É o irracional mostrando-se como racionalidade, superfície que esconde contradições e vazios para apresentar-se como estrutura significante, o único significador.

Este irracional, que tornou-se a única racionalidade, protege, exatamente porque inverteu concretamente razão e desrazão, todo o sistema de produção, exploração e consumo. O que era Sagrado tornou-se Profano, perdendo na mutação histórica o poder de negar e criar, ficando somente com a possibilidade de reformar e descobrir. O irracional, aquilo que é contra o humano, que o suga e explora, nas sociedades de classe, vai aos poucos vestindo-se de Razão, enquanto o humano, vai se decompondo, tornando-se fragmento, objeto, marginal existência irreconhecível.

A mentalidade científica é o Profano que esquece, não somente sua outra face, mas aquilo que o criou e dá significado. O Profano absoluto, aquele que estranhamente vem antes do Sagrado, Caos e desumana existência, é o que deseja e busca a Ciência, a Arte e a Filosofia enquanto positivities, enquanto expressões covardes da sociedade. É o Caos sem significado ou o infinito de significados instaurando o Caos como normalidade apolítica.

* Prof. Ms. - Departamento de História/UNIR